

O PAPEL DAS OFICINAS TERAPÊUTICAS NO DESENVOLVIMENTO DO CUIDAR EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL (CAPSi)

Marta Regina de Queiroz¹
Rodrigo Carlos de Oliveira Alves¹
Janine Lopes Carvalho²
Fernanda Bicalho Pereira³
fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

É com o objetivo de substituir as internações nos manicômios pelo atendimento aberto na comunidade, que o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é criado. O CAPS responde pela porta de entrada e regulação em saúde mental no SUS e tem como princípio a desinstitucionalização da loucura. Pensando na relevância das oficinas terapêuticas para a reabilitação psicossocial, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre o papel da arte no desenvolvimento do cuidar no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi). Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para a coleta do material empírico, foram realizadas atividades de observação. Com a observação foi possível perceber o papel das oficinas terapêuticas como meios de expressão, interação e comunicação dos usuários, entre si e com os profissionais. Inconscientemente, os usuários projetam as suas vivências e conflitos nos desenhos que produzem. Um dos desafios da equipe é o de conseguir incluir os familiares nos projetos terapêuticos do CAPSi. As oficinas terapêuticas, por exemplo, não abrangem a participação de familiares/cuidadores. São percebidos, ainda, a necessidade de se diversificar os tipos de oficinas e de se ter bem determinado quais os objetivos a serem alcançados.

Palavras-chave: Oficinas terapêuticas; reabilitação psicossocial; CAPS.

1. INTRODUÇÃO

Desde o movimento da Reforma Psiquiátrica, a assistência aos portadores de sofrimento psíquico vem sofrendo, gradativamente, importantes transformações. A centralidade dada à loucura começa a ser substituída pela ideia de um sujeito real e de direitos, que é parte integrante de uma família e de uma comunidade (AZEVEDO & MIRANDA, 2011).

¹ Acadêmica do 7º Período do Curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

¹ Acadêmico do 7º Período do Curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do Núcleo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância - NGIME/UFJF, coordenado pela professora Dr^a Eliana Lúcia Ferreira. Mestre em Psicologia, Graduada em Psicologia. Professora e Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

³ Graduada em Psicologia pela UFMG, Mestre em Saúde e Enfermagem pela UFMG. Discente da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

Na perspectiva da reforma psiquiátrica, o cuidado com a pessoa que sofre com algum transtorno mental, deve atender os aspectos éticos, que englobam a atenção integral, a não dissociabilidade do biopsicossocial, a solidariedade, o respeito à diferença desta pessoa, aos seus costumes e à sua cultura (MARZANO & SOUZA, 2004).

De acordo com Cunha e Boarini (2011), as Conferências Nacionais em Saúde Mental constituem-se como importantes espaços de discussão e reflexão sobre a saúde mental no país, sobre os pressupostos da reforma psiquiátrica e sobre as mudanças de perspectivas em relação ao tratamento do portador de sofrimento psíquico, além de permitir a participação popular na saúde mental do Brasil. Para Oliveira (2006), com a II Conferência Nacional em Saúde Mental o conceito de saúde/doença, ganhou uma nova conotação, pois passou a ser compreendido como um conjunto complexo de determinações e condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais.

De acordo com Azevedo e Miranda (2011), com o objetivo de substituir as internações nos manicômios pelo atendimento aberto na comunidade é que o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é criado. O Ministério da Saúde (2004, p.13), normatizando o processo de criação dos CAPS, no Brasil, definiu-os como:

[...] um serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). Um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, [...] cuja severidade e/ ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida.

Em suma, o CAPS responde pela porta de entrada e regulação em saúde mental no SUS. Tem como princípio a desinstitucionalização da loucura, ou seja, o deslocamento da atenção na instituição manicomial para o atendimento comunitário, realizado de modo que as relações com a família e a sociedade sejam preservadas. Outro aspecto importante diz respeito à transferência da centralidade do atendimento médico, no cuidado com o paciente que sofre com transtorno mental, para uma atuação multiprofissional, que direciona o olhar para a totalidade do sujeito, ao invés de centrar o foco na doença (CUNHA & BOARINI, 2011).

As intervenções terapêuticas desenvolvidas no CAPS, devem ser pensadas e discutidas por todos os profissionais que atuam no serviço, bem como os usuários, os familiares e a comunidade. O acolhimento aos usuários, o atendimento individual e de grupo bem como o projeto terapêutico individual devem ser planejados a partir

das necessidades de saúde/doença e da realidade social encontrada. A articulação intersetorial e social é condição necessária para (re)inserir o sujeito com sofrimento psíquico e sua família à dinâmica comunitária (AZEVEDO & MIRANDA, 2011).

Para Cedraz e Dimenstein (2005), os serviços substitutivos tipo CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) devem, necessariamente, oferecer oficinas terapêuticas, de modo que elas são uma das principais formas de tratamento encontradas nesses estabelecimentos. As atividades podem ser definidas a partir do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos dos serviços, das necessidades, objetivando a maior integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, além da realização de atividades produtivas.

É pensando na relevância das oficinas terapêuticas para a reabilitação psicossocial, que o presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre o papel da arte no desenvolvimento do cuidar no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi) Espaço Vivo. A sede da instituição se localiza na Zona da Mata Mineira.

O CAPSi Espaço Vivo é referência em atendimento, a indivíduos com transtornos psíquicos, nos municípios que constituem a microrregião. O CAPSi visa a promoção da saúde integral dos portadores de sofrimento mental, além da transformação da cultura local e regional no que se refere a essa questão. O espaço oferece diversos tipos de atividades terapêuticas, tais como: oficinas terapêuticas, atividades comunitárias e artísticas, orientação e acompanhamento do uso de medicação, atendimentos domiciliares e aos familiares.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

As oficinas terapêuticas são dispositivos da atual Política Nacional de Saúde Mental que envolve atividades grupais, de socialização, expressão e inserção social. Além do mais, elas se diferenciam de suas práticas antecessoras que eram pautadas por um tipo de “tratamento moral”, em que o trabalho alienado (não reconhecido e não pago), era tido como um recurso terapêutico, já que a ociosidade, tanto para o espírito do louco como para o normal, era o que existia de mais subversivo no contexto social da época (VALLADARES et, al. 2003).

Para Rauter (2000, p. 271) o objetivo é o de que:

As oficinas, o trabalho e a arte possam funcionar como catalisadores da construção de territórios existenciais (inserir ou reinserir socialmente os “usuários”, torná-los cidadãos...), ou de “mundos” nos quais os usuários possam reconquistar ou conquistar seu cotidiano. Está se falando não de adaptação à ordem estabelecida, mas de fazer com que trabalho e arte se reconectem com o primado da criação, ou com o desejo ou com o plano de produção da vida.

As oficinas se caracterizam como recursos facilitadores da comunicação e da interação entre os sujeitos, favorecendo a integração e a reinserção das pessoas com sofrimento psíquico no meio social. São atividades que usam a arte para promover a cidadania, a expressão da liberdade e a convivência entre os diferentes modos de ser e existir no mundo (VALLADARES et, al. 2003).

Segundo Pereira e Palma (2018, p.19):

No Brasil, a pioneira neste tipo de terapêutica foi a médica Nise da Silveira que trabalhou no Centro Psiquiátrico Pedro II em 1946. A psiquiatra considerava as terapias vigentes na época muito agressivas para o tratamento dos transtornos mentais. Escolheu a terapia ocupacional como tratamento, pois entendia que em um ambiente cordial, com monitor sensível, os pacientes poderiam expressar suas vivências utilizando a pintura, o desenho e a escultura. Nise da Silveira considerava a terapêutica ocupacional essencial para “criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Nise da Silveira acreditava que a pintura e a modelagem tinham valor terapêutico em si, na medida em que davam forma a emoções, promovendo forças autocurativas.

Ainda de acordo com os autores, as oficinas terapêuticas têm como meta promover uma maior integração social e familiar dos usuários, a manifestação de suas vivências internas, como problemas e sentimentos, o desenvolvimento de habilidades corporais, o desenvolvimento de atividades produtivas, bem como o exercício da cidadania. Por isso podem ser classificadas como expressivas, culturais e geradoras de renda. Na perspectiva do acesso aos sentimentos e memórias dos usuários Barbosa (2012, p. 19), afirma que por meio das oficinas terapêuticas:

Conseguimos nos aproximar de outras facetas das pessoas ali presentes, pois elas contam histórias corriqueiras, banais, algo que não está diretamente baseado em seu problema de saúde mental que as faz estar em um CAPS. Assim nós lembramos que os usuários do CAPS são pessoas que se viram e, na grande parte das vezes, se viram muito bem, quando estão fora do circuito de instituições de saúde mental, quando não estão protegidos, nem tutelados, nem preservados e nem presos.

É de suma importância que os profissionais levem em conta os interesses e desejos dos usuários no momento da elaboração e planejamento das atividades terapêuticas. Para tanto, faz-se necessário uma leitura crítica, sensível e atenta as especificidades dos sujeitos e que levem em conta as suas necessidades, valorizando sua autoestima e seu auto reconhecimento (PEREIRA & PALMA, 2018).

Corroborando com essa ideia Azevedo e Miranda (2011), afirmam que na perspectiva da reabilitação psicossocial as novas formas de cuidados em saúde mental devem promover ações que privilegiem as aspirações, anseios e preferências dos usuários e familiares, respeitando suas subjetividades e valorizando a colaboração e a divisão das responsabilidades.

Além do mais, as oficinas são um espaço de obtenção de novos conhecimentos e habilidades, que podem ser utilizados na vida diária dos usuários, colocando-os no mercado de trabalho, por meio de suas atividades artesanais, fazendo com que eles assumam um novo papel na comunidade a que pertencem (PEREIRA & PALMA, 2018).

Azevedo e Miranda (2011), salientam que as oficinas em si não asseguram aos usuários dos CAPS o gozo da autonomia de seus desejos, anseios e aspirações criadoras. Elas só serão consideradas terapêuticas a medida que possibilitam aos usuários desses serviços um lugar de fala, expressão e acolhimento, logo, elas não devem ser desenvolvidas mediante o planejamento de projetos fechados de trabalho, que se dita o quê, como ou quando fazer, em detrimento da escolha, da criatividade e das necessidades dos usuários no contexto de sua subjetividade (AZEVEDO & MIRANDA, 2011).

3.METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, que segundo Augusto *et al.* (2013) preza pela descrição minuciosa dos fenômenos e dos elementos que o envolvem, o ambiente natural é a fonte direta de dados e o principal instrumento da investigação é o próprio pesquisador, as informações coletadas são predominantemente descritivas. A pesquisa qualitativa confere importância fundamental aos discursos e aos significados transmitidos pelos atores sociais envolvidos nas investigações acerca do fenômeno que se pretende conhecer.

Richardson (1999, p. 102) destaca que:

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno.

Para a coleta do material empírico, foram realizadas atividades de observação, com um roteiro de observação previamente elaborado e análise documental do Projeto Terapêutico do CAPSi Espaço Vivo. Para Queiroz *et al.* (2007, p. 277)

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, principalmente com enfoque qualitativo, porque está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, ela desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa.

Para a observação foram realizados encontros semanais, no período de agosto a novembro de 2018. Durante as atividades de estágio, participamos de oficinas de arte, aulas de educação física, além de conversar com os profissionais da instituição e também com os usuários do serviço.

O CAPSi Espaço Vivo conta com um espaço próprio adequadamente preparado para atender à sua demanda específica, sendo capaz de oferecer um ambiente estruturado com os seguintes recursos: consultórios para atividades individuais (consultas, entrevistas, terapias), salas para atividades grupais, espaço de convivência, sala de oficinas, refeitório, sanitários e uma área externa para recreação e esportes. Sua equipe é composta por 2 auxiliares de serviços gerais, 1 assistente social, 1 educador físico, 1 enfermeira, 1 médica psiquiátrica, 1 psicólogo, 1 técnica de enfermagem e 2 terapeutas ocupacionais, constituindo-se como um campo de prática multiprofissional.

O CAPSi Espaço Vivo está localizada no leste de Minas, na Zona da Mata Mineira. De acordo com dados do IBGE (2017), a população é de 18.914 mil habitantes e a principal fonte de renda é a agropecuária com maior destaque para a cafeicultura.

4. CATEGORIAS EMERGENTES DA COLETA DE DADOS

4.1 Apresentação da Observação do Estágio

No primeiro dia de estágio, durante o café conversamos com profissionais da instituição sobre os trabalhos realizados e os atendimentos aos usuários do CAPSi. Foi um bate-papo informal em que pudemos esclarecer algumas dúvidas. A psicóloga falou a respeito do funcionamento da instituição, quantidade de cidades atendidas, e os tipos de atividades desenvolvidas, além dos desafios a serem enfrentados. Durante a conversa foi citando exemplos de casos que já atendeu no CAPSi.

No segundo dia de estágio, fomos para a sala de oficinas, acompanhados pela psicóloga, para fazermos uma análise de quatro desenhos que foram produzidos por quatro usuários do CAPSi, na semana anterior. A psicóloga fez algumas observações em relação aos usuários e de como aqueles desenhos representam um pouco da realidade vivida por cada um deles.

Participamos ainda de uma oficina de desenhos. Os usuários foram orientados a pintar palitos com tinta amarela, em seguida aicineira pediu para que desenhassem algo que eles não gostavam e que não queriam que acontecesse mais com eles. Enquanto faziam os desenhos nós pudemos ir conversando com eles. Fizemos alguns questionamentos e os ajudamos a colar os palitos ao lado dos desenhos que haviam feito. Em seguida, os desenhos foram colados na parede da sala de oficinas para ficarem expostos.

No terceiro dia de estágio, fizemos uma análise do projeto de funcionamento da instituição. Tivemos acesso ao documento, mas não foi autorizado que fizéssemos registros fotográficos. Durante a leitura anotamos as informações que consideramos importantes. Em seguida, fomos na sala de oficinas e vimos dois desenhos produzidos pelos adolescentes que estavam presentes neste dia. Conversamos um pouco com aicineira sobre o seu trabalho, em seguida fomos na sala onde ficam expostos os artesanatos produzidos pelos usuários da instituição.

No quarto dia de estágio, participamos com os usuários de duas brincadeiras chamadas por eles de “passar manteiga” e “passar anel”. Enquanto isso interagíamos com eles, que se mostravam bem receptivos. Mais tarde, aicineira deu uma folha em branco e lápis e pediu para que os adolescentes fizessem um desenho livre. Nós ficamos observando, e fazíamos questionamentos sobre os desenhos.

No quinto dia de estágio fizemos uma anamnese com as mães e os usuários do serviço, a maioria demonstrou disponibilidade e interesse em participar da

entrevista. Já no sexto e no sétimo dia de estágio, observamos o acolhimento feito aos usuários e seus familiares que chegavam no serviço e participamos das oficinas de jogos que foram realizadas com os usuários.

No oitavo dia, fizemos uma visita à APAE, que fora programada anteriormente, com o objetivo de conhecer o espaço e o trabalho desenvolvido pelos profissionais com os alunos que frequentam a APAE. Durante a visita interagimos com alguns deles, além de participarmos de atividades. Alguns alunos da APAE também frequentam o CAPSi.

No último dia de estágio, planejamos fazer uma despedida com os usuários do CAPSi. Preparamos algumas atividades para serem desenvolvidas, mas por motivos justificáveis os usuários não puderam estar presentes e, por isso, não foi possível concluir o que estava previsto.

4.2 Entre o Empírico e o Teórico: a aproximação da narrativa com a observação feita no CAPSi

Com as atividades de observação foi possível perceber na prática o papel das oficinas terapêuticas como meios de expressão, interação e comunicação dos usuários, entre si e com os profissionais. A interação ocorre espontaneamente e é simultânea à produção dos desenhos, das colagens e das pinturas. À medida que vão fazendo suas produções artísticas, os usuários, relatam vivências que tiveram e, é comum, se identificarem nas falas uns dos outros.

Segundo Oliveira (2018, p. 23),

As oficinas terapêuticas expressivas se mostram importantes na medida em que contribuem com a construção de vínculos entre os usuários e o coordenador. Além de estimular os usuários a compartilhar suas histórias, suas experiências e seus sentimentos, não necessariamente, porém, por meio da linguagem verbal.

Corroborando com essa ideia, Azevedo e Miranda (2011), afirmam que o valor da arte na reabilitação está na possibilidade do usuário trabalhar e descobrir suas possibilidades, poder expressar suas vivências, ao mesmo tempo em que se sente acolhido e compreendido nas suas falas. Além disso, a arte produz subjetividades, estabelece vínculos de afeto e acessa territórios desconhecidos e/ou inexplorados, uma vez que possibilita a projeção de conflitos internos e externos a partir das produções artísticas.

Durante uma das atividades de estágio, em que fomos analisar, junto com a psicóloga do CAPSi, a produção de desenhos feitos por 4 (quatro) usuários pudemos perceber como, de fato, eles projetam, mesmo que inconscientemente, as suas vivências e conflitos nos desenhos que produzem. Situações de abandono, de conflitos, de insegurança, de falta de convívio social e de afetos são evidenciadas. Para Pereira e Palma (2018), a arte favorece a comunicação entre o consciente e o inconsciente, possibilitando a expressão de sensações, percepções e sentimentos dos indivíduos.

De acordo com Oliveira (2018), a escuta é imprescindível em uma oficina terapêutica, uma vez que contribui para a compreensão do significado da experiência de existência/sufrimento do usuário. No caso dos desenhos, à medida que vão sendo produzidos, é muito comum os usuários emitirem falas relacionadas aos significados que lhe são atribuídos, ou seja, a produção é acompanhada do resgate de vivências conflituosas. Portanto, é muito importante a valorização da fala do usuário como recurso que auxilia na construção de um projeto terapêutico que seja capaz de atender as suas necessidades.

Tavares (2006), afirma que a tarefa dos profissionais de saúde mental é a de decifrar e perceber o significado da mensagem que a eles é enviada. Para tanto, precisam estar vigilantes aos sinais de comunicação verbal e não verbal emitidos, que transmitem, impressões, ideias e imagens de toda ordem. Entretanto, o autor ressalta que muitos destes conteúdos, jamais conseguem expressar-se por palavras, expressões faciais ou corporais, daí a importância da utilização de objetos, materiais e atividades para facilitar a comunicação.

Um dos desafios da equipe é o de conseguir incluir os familiares nos projetos terapêuticos do CAPSi. As oficinas terapêuticas, por exemplo, não abrangem a participação de familiares/cuidadores que poderia contribuir para o compartilhamento de informações acerca dos usuários. A dificuldade de inclusão pode estar associada tanto ao desinteresse dos familiares em se envolverem nas atividades, quanto da dificuldade dos profissionais em elaborarem projetos que incluam a participação dos familiares, envolvendo-os nas ações de cuidado.

Noronha et, al. (2016), ressalta que no trabalho de atenção psicossocial, a família é vista como um ator social imprescindível no cuidado à pessoa em sofrimento psíquico, contribuindo com a socialização e inserção social desses indivíduos. No caso das oficinas, elas forjam situações propícias à manifestações

afetivas entre os usuários e seus familiares, melhorando a comunicação entre eles e contribuindo para a convivência familiar.

Considerando a importância das oficinas enquanto recursos terapêuticos, foi possível perceber momentos que necessitavam de uma postura mais ativa daicineira, que desenvolvia as atividades com os usuários. Houve situações em que ela não deixou claro o objetivo que se pretendia alcançar com a produção dos desenhos, dando a impressão de que os usuários estavam realizando uma atividade simplesmente como mera ocupação de tempo.

Em relação a isso, Oliveira (2018) alerta acerca da importância de se ter bem determinados quais os critérios para a utilização das oficinas. Pois, segundo ele, a ausência de reflexões sobre o “por quê” e “para quê” das atividades a serem desenvolvidas contribuem para o exercício de uma velha psiquiatria, em que as atividades são consideradas meros instrumentos de distração, e não como possibilidades de comunicação e expressão.

Uma questão que deve ser observada pelos profissionais, diz respeito à necessidade de juntos refletirem, sobre novas práticas de oficinas terapêuticas que possam ser introduzidas, juntamente com as práticas já existentes. As atividades desenvolvidas no CAPSi com os usuários ficaram, ao menos no período de observação, muito restritas à produção de desenhos, pinturas e colagens. Atividades relacionadas à culinária, música, produção de poesias e teatros, são ótimas alternativas que, quando bem planejadas, funcionam como excelentes meios de expressão e comunicação. Restringir as atividades as mesmas práticas, torna-se, muitas vezes, cansativo e pode levar ao desinteresse dos usuários.

Entende-se, por fim, que as oficinas terapêuticas são importantes ferramentas que contribuem positivamente para o desenvolvimento dos usuários, desde que, elas sejam planejadas e executadas tendo em vista objetivos bem definidos, capazes de respeitar a diversidade, a subjetividade e a capacidade de cada sujeito. A consciência dos profissionais de que a arte, para ser terapêutica, precisa produzir melhorias na qualidade de vida dos usuários, deve preceder a elaboração e aplicação dos projetos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível constatar que as oficinas terapêuticas desempenham um papel muito importante no tratamento de usuários do CAPSi.

Todavia, reconhece-se a necessidade de os profissionais diversificarem os tipos de oficinas que são desenvolvidas, não se limitando a uma única prática.

Deve-se ainda fomentar a participação de familiares nas atividades, levando em consideração as realidades contextuais e sistêmicas que os usuários e seus familiares estão inseridos. Ressalta-se, ainda, a importância de que as oficinas terapêuticas sejam planejadas e tenham bem determinados os objetivos que pretendem atingir, afim de que as atividades não sejam percebidas como simples instrumentos de distração, mas sim como possibilidades de comunicação e expressão.

6. REFERÊNCIAS:

AUGUSTO, Cleiclei Albuquerque; SOUZA, José Paulo de; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento; CARIO, Silvio Antônio Ferraz. **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober**. Ver. Econ. Sociol. Rural vol.51 no.4 Brasília Oct./Dec. 2013.

AZEVEDO, Dulcian Medeiros de; MIRANDA, Francisco Arnaldo Nunes de. **Oficinas Terapêuticas como Instrumento de Reabilitação Psicossocial: Percepção de Familiares**. Esc Anna Nery (impr.)2011 abr -jun; 15 (2):339-345.

BARBOSA, K. F. (2012). **Reflexões sobre a prática no CAPS Esperança autonomia e responsabilidade na atenção à saúde mental. (Monografia em Aprimoramento em Saúde Mental e Saúde Coletiva)**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CEDRAZ, Ariadne; DIMENSTEIN, Magda. **Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não?** Revista Mal-Estar e Subjetividade / Fortaleza / v. v / n. 2 / p. 300 - 327 / set. 2005.

CUNHA, Carolini Cássia; BOARINI, Maria Lúcia. **O Lugar da Criança e do Adolescente na Reforma Psiquiátrica**. Revista Psicologia e Saúde, v. 3, n. 1, jan. - jun. 2011, pp. 68-76.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) 2017, v4.3.8.14. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/matipo>.

MARZANO, Maria Luiza Rietra; SOUZA, Célia Antunes C. de. **O Espaço Social do Caps como Possibilitador de Mudanças na Vida do Usuário**. Texto Contexto Enferm 2004 Out-Dez; 13(4):577-84.

Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

NORONHA, Arlete Aparecida; FOLLE, Daniela; GUIMARÃES, Andréa Noeremberg; BRUM, Maria Luiza Bevilaqua; SCHNEIDERB, Jacó Fernando; MOTTA, Maria da Graça Corso da. **Percepções de Familiares de Adolescentes sobre Oficinas Terapêuticas em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil.** Rev Gaúcha Enferm. 2016 dez;37(4):e56061.

OLIVEIRA, Alice Guimarães Bottaro de. **Trabalho e Cuidado no Contexto da Atenção Psicossocial: Algumas Reflexões.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 10, núm. 4, dezembro, 2006, pp. 694-702.

OLIVEIRA, Ana Luíza de Mendonça (2018). **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental: um Estudo sobre as Concepções de Coordenadores.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia.

PEREIRA, Pena Ondina; PALMA, Ana Carolina Ribas. **Sentidos das Oficinas Terapêuticas Ocupacionais do CAPS no Cotidiano dos Usuários: uma Descrição Fenomenológica.** Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica - XXIV(1): 15-23, jan-abr, 2018.

QUEIROZ, Danielle Teixeira; VALL, Janaína; SOUZA, Ângela Maria Alves e; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na Área da Saúde.** R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, P.(Org.). **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. cap.12, p. 267-277.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

TAVARES, Claudia Mara de Melo. **O Papel da Arte nos Centros de Atenção Psicossocial – CAPS.** Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2003; 56(1): 35-39.

VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.; SCATENA, M. C. M. **Reabilitação Psicossocial Através das Oficinas Terapêuticas e/ou Cooperativas Sociais.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 5 n. 1 p. 04– 09, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>.